



Ressentimento e intolerância da extrema direita católica: uma reflexão teológica sobre a rejeição à misericórdia proposta por Francisco¹

Resentment and intolerance of the Catholic extreme right: a theological reflection on the rejection of mercy proposed by Francis

André Luiz Boccato Almeida²

Carolina Mureb³

Resumo: O crescimento da extrema direita é um fenômeno constatável em diversos países e, historicamente, sabe-se que setores da Igreja Católica sempre estiveram alinhados com seu projeto político. Vários fatores socioculturais e políticos explicam essa polarização, que condiciona a religiosidade das pessoas. No atual pontificado, a extrema direita parece ter se afirmado e encontrado uma cidadania, visibilizada principalmente nas redes sociais. Além disso, percebe-se que há uma resistência pública e fortemente declarada dentro da estrutura eclesial católica, encontrando terreno fértil contra as reformas promovidas pelo Papa Francisco. Dessa forma, a oposição e o ataque ao Papa Francisco ocorrem não somente fora da Igreja, mas principalmente dentro dela, por meio de grupos bem-organizados que resistem ao avanço de pautas centradas no diálogo, na inclusão, na justiça social e na acolhida das vítimas. Neste artigo, procura-se demonstrar que o financiamento da oposição feita pela extrema direita tem sua raiz na centralidade que Francisco dá à misericórdia. A reflexão será desenvolvida em três momentos: no primeiro, abordar-se-á o tema do ressentimento e da intolerância no contexto da extrema direita; no segundo, apresentar-se-ão as pautas evangélicas protagonizadas pelo Papa Francisco em suas reformas eclesiais; e, no terceiro, propor-se-á um caminho educativo que reflita sobre esta situação social e eclesial.

Palavras-chave: Ressentimento. Intolerância. Francisco. Teologia. Misericórdia e Educação.

Abstract: The growth of the extreme right is a phenomenon observable in several countries, and historically, it is known that sectors of the Catholic Church have always been aligned with its political project. Several sociocultural and political factors explain this polarization that shapes people's religiosity. In the current pontificate, the extreme right seems to have asserted itself and found citizenship, becoming visible primarily on social media. Furthermore, it is evident that there is a public and strong resistance within the Catholic ecclesiastical structure, finding fertile ground against the reforms promoted by Pope Francis. In this way, the opposition and the attacks on Pope Francis occur not only outside the Church but mainly within it, through well-organized groups that resist the advancement of agendas centered on dialogue, inclusion, social justice, and the acceptance of victims. This article aims to demonstrate that the financing of the opposition

¹ Este artigo foi recebido em setembro de 2024 e submetido a uma avaliação cega por pares, conforme a política editorial, sendo aprovado para publicação em novembro de 2024.

² Doutor em Teologia Moral pela Pontifícia Universidade Lateranense (Roma), com Pós-Doutorado em Teologia pela PUC-PR, atua como professor na PUC-SP, integrando formações em Ciências Sociais, Educação Sexual e Psicanálise à reflexão teológica. E-mail: a.l.boccato@gmail.com

³ Mestranda em Teologia na PUC-SP. E-mail: ircarolmureb@gmail.com



carried out by the extreme right has its roots in the centrality that Francis gives to mercy. The reflection will be developed in three stages: the first will address the topic of resentment and intolerance in the context of the extreme right; the second will present the evangelical agendas led by Pope Francis in his ecclesiastical reforms; and the third will propose an educational path that reflects on this social and ecclesiastical situation.

Keywords: Resentment. Intolerance. Francis. Theology. Mercy and Education

Introdução

O magistério pastoral do Papa Francisco tem demonstrado, em gestos e ideias, um desdobramento contínuo e corajoso da eclesiologia do Concílio Vaticano II, principalmente no que se refere à noção de Igreja como Povo de Deus e comunhão. Desde 1962 até os dias atuais, a Igreja tem vivido um processo de transformação e mudança que abre suas portas para o diálogo com o mundo moderno. Teologicamente, esse caminho se iniciou muito antes, quando os vários movimentos de renovação teológica engendraram nas comunidades cristãs o florescer de um retorno ao “espírito” do cristianismo primitivo.

A identidade da Igreja como Povo de Deus é sustentada pela prática da sinodalidade, que, no fundo, constitui o modo de ser eclesial de todas as partes do corpo que formam a Igreja. A sinodalidade é o modo específico de viver da Igreja, capaz de escutar, acompanhar e discernir todas as experiências particulares em suas mais variadas práticas pastorais. Com o Papa Francisco, esta realidade tem sido muito valorizada, pois é nessa escuta sincera e lúcida que a identidade e a missão se atualizam pela força do Espírito Santo. Se a partir do Vaticano II, todos os cristãos gozam de igual dignidade pela força do sacramento do batismo, é conveniente que a missão evangelizadora revigore seu caráter, levando em consideração esse “caminhar juntos”, ou seja, mediante um processo sinodal. A operacionalidade da comunhão é colocada em prática quando todos os cristãos participam da edificação do corpo de Cristo, que é a Igreja.

Neste ínterim, o artigo pretende discorrer acerca da ideia de misericórdia, marca do rico e criativo magistério de Francisco. Essa chave eclesial tem gerado muitas resistências, quando não também rejeição explícita e violenta. No Brasil, marcadamente polarizado e politizado em torno do ódio, ressentimento e intolerância, o princípio da misericórdia, do diálogo e da boa convivência tem sido combatido por um grupo bem orquestrado de radicais católicos da extrema direita, gerando mal-estar e esquecimento do essencial do cristianismo. O tema será percorrido em três momentos: primeiro, será apresentada a questão do ressentimento e da intolerância, sua gênese no



contexto brasileiro de extrema direita. No segundo, analisaremos o tema da misericórdia no contexto do pontificado do Papa Francisco, destacando a originalidade de sua proposta no atual contexto eclesial, assim como as suas resistências. Na última parte, pretende-se apresentar o desafio educativo e formativo da dignidade humana neste cenário de violência religiosa e cultural.

O ressentimento e a intolerância na gênese do aparecimento da atual extrema direita católica

Todo ser humano é permeado por múltiplos sentimentos e emoções silenciosas que ora o incomodam, ora são a base de comportamentos e condutas (daqui, para muitos, transformando-se em fato moral). O fenômeno do ressentimento, enquanto uma dimensão a ser assumida pela pessoa, nem sempre ocupou certa importância na tradição cultural ocidental.

Ressentir-se significa atribuir ao outro a responsabilidade pelo que nos faz sofrer. Um outro a quem delegamos, em um momento anterior, o poder de decidir por nós mesmos, de modo a poder culpá-lo pelo que venha a fracassar. Nesse aspecto, o ressentido pode ser tomado como o paradigma do neurótico, com sua servidão inconsciente e sua impossibilidade de implicar-se como sujeito do desejo. O ressentimento não é uma estrutura clínica, tampouco se confunde rigorosamente com um sintoma, embora possa ser considerado uma solução de compromisso entre dois campos psíquicos: o do narcisismo e o do Outro. Ressentimento é uma categoria do senso comum que nomeia a impossibilidade de esquecer ou superar um agravo. Trata-se de uma repetição mantida ativamente por aquele que foi ofendido. O ressentido não é alguém incapaz de esquecer ou perdoar; é alguém que não quer esquecer, ou que quer não esquecer, não perdoar, nem superar o mal que o vitimou.⁴

Não se deve confundir o ressentimento com as expressões da mágoa e da raiva.⁵ A mágoa é a dor de uma ferida narcísica que ainda não deixou de sangrar. Pode ser comparada ao luto: um tempo de reparação de uma perda, de desligamento da libido em relação a um objeto perdido, de reconstituição do narcisismo secundário depois de uma queda, perda ou fracasso. O trabalho da

⁴ KEHL, M. R. *Ressentimento*. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 9-10.

⁵ Segundo SLOTERDIJK, Peter. *Colère et temps*. Paris: Libella-Maren Sell, 2007, o ressentimento e a cólera é um sentimento que atravessa todas as sociedades, alimentado por aqueles que, com ou sem razão, pensam ter sido lesados, excluídos discriminados ou insuficientemente ouvidos.



mágoa, assim como o do luto, requer recolhimento; ele incapacita a pessoa magoada de fazer novos investimentos, porque toda a libido está concentrada na cicatrização da ferida.

O ressentimento começa por ser uma inibição de uma reação num mundo humano, ou seja, alguém faz outro sofrer sem que este possa responder a tal agressão (física ou psicológica). Por outras palavras, o ressentimento deriva da impotência, como quer que esta seja pensada: ausência do agressor, consciência da fraqueza diante daquele que agride, etc. O ressentido fica atado à agressão de que foi vítima, sem conseguir abrir-se ao tempo como *novum*, por um lado, e liga o outro à agressão que cometeu contra si, interpretando-a à luz da ação passada.⁶

O que o ressentimento mostra é, sobretudo, uma incapacidade de começar, de ser um início, de se lançar ao corpo perdido que Nietzsche caracteriza como segurança dos instintos. O ressentido tem presente a si a agressão à qual não reagiu e articula todo o curso dos acontecimentos desde então sob a ótica de uma reação futura.⁷ O passado determina assim o futuro.

O impulso da vingança conforma o ressentimento, assim como o sentimento de vingança se torna sede de vingança. Quanto mais esse impulso de vingança se recoloca e quanto menos, ao mesmo tempo, seja possível sua concretização, mais insatisfeito esse sentimento se conforma, fazendo com que essa intenção leve diretamente ao definhamento ou à morte. Mas, se o sentimento de vingança é efetivado, há desdobramentos consequentes dessa efetivação que podem dar razões para um ato interno de vingança, ou exteriorizações que podem gerar lesões.⁸

Na atual conjuntura religiosa e política brasileira, esse sentimento se tornou um caminho de diálogo entre as várias esferas de convivência humana, principalmente nas redes sociais e nas igrejas, que retroalimentaram discursos de ódio e violência em plataformas eleitorais. O aparecimento da extrema direita católica brasileira se dá nesta convergência do ressentimento, impulso de vingança, discurso de ódio e ascensão ao poder.

A sociedade deste país, de longa convivência com a escravidão e com grandes domínios rurais privados, preservaria, mesmo na contemporaneidade, uma espécie de ritual nacional de oposição às distâncias sociais, de gênero, religião e raça, quando, na prática e no cotidiano, as reitera.

⁶ WOTLING, P. Sentimentos. In: CANTO-SPERBER, M. (org.). *Dicionário de ética e filosofia moral*. São Leopoldo: Unisinos, 2003, p. 572.

⁷ NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 38.

⁸ MIGUEL, M. R. *O ressentimento e o sagrado em René Girard*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2023, p. 111.



Com a rapidez de informações e ideologias, em lugar da tolerância, passa-se a praticar o oposto: a inimizade e o ódio.⁹

O atual contexto brasileiro, além de herdar um histórico autoritário, oligárquico, patriarcal e desigual, atravessa também um processo de transformação tecnológica e digital, proveniente de uma nova fase do capitalismo em relação com a religião. Não se pode deixar de dizer que está ainda em curso a instalação do poder instrumental de vigilância tecnológica, que afetaria nossos sentimentos e formas de vida, corroendo a confiança nos outros, quebrando reciprocidades e esvaziando nossa capacidade de criar compromissos e de construir perspectivas compartilhadas de futuro, eliminando nossa autonomia ou a sacralidade da nossa consciência.¹⁰

Este retorno a um tipo de ressentimento e intolerância por parte do segmento cristão no tecido social vem acompanhado por um fenômeno de radicalização identitária, que, no fundo, é uma tentativa de reapropriação do poder simbólico diante de uma paulatina perda. Há uma pretensão de verdade e de única identidade entre as plurais impostações, que arrastam décadas e séculos de uma nostalgia de um discurso único.¹¹ Aprender a dialogar com o diverso e contrastante exige uma nova postura de formação da própria consciência e do sujeito.

O ressentimento e a intolerância da extrema direita católica brasileira aparecem dentro de um contexto de uma guerra híbrida¹² complexa, com uma linguagem de verdadeira destruição da alteridade, ou seja, do diferente, que é inimigo e um perigo para a implementação de um pensamento único. Esta política “religiosa e social” advém de um contexto de fundamentalismo que não aceita o diálogo, mas se origina de formas de espiritualidade combativas, como uma guerra cósmica entre as forças do bem e do mal.¹³ Por isso, os fundamentalistas desconfiam das iniciativas

⁹ SCHWARCZ, Lília Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 211.

¹⁰ ALMEIDA, André Luiz Boccato de Almeida. Capitalismo de vigilância, guerra híbrida e “capilarização” religiosa no Brasil. Perspectivas reflexivas para uma consciência crítica. In: HAMMES, Erico João; GOMES, Tiago de Fraga (orgs.). *Religião e Teologia entre o Estado e a Política: uma abordagem interdisciplinar*. Anais do VIII Congresso da Anptecre. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2023, p. 73. (p. 69-80).

¹¹ FERREIRA, Rafael Beck. Relativismo, fundamentalismo e pretensão de verdade no cristianismo. In: CAMPOS, Breno Martins (org.). *Fundamentalismos religiosos em perspectiva*. Diferentes abordagens das Ciências da Religião. São Paulo: Pluralidades, 2022, p. 43.

¹² LEIRNER, Piero C. *O Brasil no espectro de uma guerra híbrida*. Militares, operações psicológicas e política em uma perspectiva etnográfica. São Paulo: Alameda, 2020.

¹³ ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 11.



conciliadoras, afastam-se da sociedade para evitar contaminação e criam uma espécie de contracultura.

Há uma espécie de apressamento de reação intolerante nas redes sociais por um retorno ao establishment habitual e tradicional. Ao contrário dos animais, o ser humano, ao nascer sem defesas e sem competências, reage ora de maneira racional, ora de modo impulsivo, diante do diferente e de ataques ao eu. A sua sobrevivência depende das relações que ele consegue estabelecer com os outros. No Brasil, a extrema direita política, que influenciou o catolicismo, se organizou nas redes sociais, e o “diabólico” poder de atração das redes sociais se baseia nesse elemento primordial. Cada curtida é uma carícia maternal no ego. A arquitetura das plataformas digitais e sociais é toda sustentada sobre a necessidade de reconhecimento e de afirmação de seguranças, que são exploradas pelo espectro político e religioso.¹⁴

No Brasil, este fundamentalismo se explicita em uma forma de sentimento não digerido de forma tranquila; eis por que é um “ressentimento” com doses de “intolerância” que encontram nas disputas políticas uma questão de sobrevivência. Os fundamentalistas intolerantes e ressentidos “colocam-se em oposição aos outros (...), esses eleitos e fiéis defendem suas posições entrincheirados nos seus grupos e comunidades. Os outros, que não estão no caminho da salvação e não aderem à verdade, são o inimigo”.¹⁵

Esta arquitetura do mal, protagonizada por sujeitos intolerantes e ressentidos no contexto brasileiro, pode alargar-se e abrir-se a uma experiência religiosa cristã católica de cunho mais evangélico, impulsionada pelo Papa Francisco. Ele ainda não afetou consideravelmente o aparato dogmático-fundamentalista do catolicismo, mas provocou dinâmicas alternativas com suas declarações, e principalmente, atitudes. É um entusiasta do diálogo e da cooperação entre as religiões e as nações, valorizando menos o fortalecimento da lógica interna da doutrina e mais o acolhimento e o chamado às “periferias existenciais” e o cuidado com o planeta, sob o motu da misericórdia e da compaixão.

¹⁴ DA EMPOLI, Giuliano. *Os engenheiros do caos*. Como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições. São Paulo: Vestígio, 2020, p. 75.

¹⁵ ORO, Ivo Pedro. *O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo: Paulus, 1996, p. 127.



A centralidade da misericórdia no pontificado de Francisco e sua oposição

A oposição a Francisco pode parecer contraditória à primeira vista, já que seu ensinamento reafirma o depósito da fé. Entretanto, quando se considera aquele que é o princípio fundamental do seu pontificado, a misericórdia, a contradição se desfaz e a oposição se esclarece. Já em 2013, no voo de volta a Roma, após a Jornada Mundial da Juventude, no Rio de Janeiro, Francisco afirmou que acredita ser este o tempo da misericórdia.¹⁶

Diante dos muitos problemas da Igreja (corrupção e clericalismo), Francisco acredita ser hora de ir ao encontro das pessoas para curar as feridas e, assim, encontrar “uma misericórdia para todos”.¹⁷ As duas palavras juntas, “misericórdia” e “todos”, são uma das razões mais fundamentais da agressiva oposição, porque constroem pontes que permitem o livre acesso à graça de Deus e derrubam o muro que separa “puros e impuros”. A proposta pastoral do Papa Francisco, permeada pelo princípio da misericórdia, coloca no centro a pessoa, buscando acolhê-la e integrá-la.

Kasper reconhece Francisco como o “profeta da misericórdia” que anuncia, em tempo oportuno e inoportuno (2Tm 4,2), o que está no coração do Evangelho e é decisivo diante dos problemas do mundo de hoje.¹⁸ Articulando discursos e homilias, documentos magisteriais e sua “encíclica de gestos”, Francisco deixou claro que a Igreja deve ir ao encontro de pessoas concretas e acolhê-las a partir de sua realidade. Considerar a pessoa e suas circunstâncias, tendo o Evangelho como referência, constitui o paradigma moral personalista, assumido pelo Concílio Vaticano II, que superou uma visão reducionista e rigorista da moral cristã, compreendida como mera aplicação de regras.

Ao afirmar que ninguém pode ser condenado para sempre,¹⁹ Francisco está tentando imprimir na Igreja o primado do amor e da misericórdia. Esse primado, que leva à acolhida e integração das pessoas, não resolve a questão das normas, que permanecem e têm proibições

¹⁶ FRANCISCO. *Encontro do Santo Padre com os jornalistas durante o voo de regresso*, 28 de julho de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-conferenza-stampa.html Acesso em: 01 abr 2024.

¹⁷ FRANCISCO. *Encontro do Santo Padre com os jornalistas durante o voo de regresso*, 28 de julho de 2013.

¹⁸ KASPER, Walter. Francisco. Profeta da misericórdia para o mundo, 12 de março de 2018. In: *Instituto Humanitas Unisinos*. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/sobre-o-ihu/78-noticias/576856-francisco-profeta-da-misericordia-para-o-mundo-artigo-de-walter-kasper>. Acesso em: 01 abr 2024.

¹⁹ FRANCISCO. *Exortação Apostólica pós-sinodal Amoris Laetitia sobre o amor na família*. São Paulo: Loyola, 2016, n. 297. Daqui em diante: AL.



absolutas. No entanto, como diz Zacharias, as normas são colocadas no seu devido lugar, porque não são elas que salvam, mas o esforço em praticar o bem possível em todas as situações.²⁰

Aqueles que defendem um modelo moral rigorista e sentem-se superiores aos demais porque cumprem as normas sentiram-se desconsiderados pelo Papa Francisco. Tal como o filho mais velho da parábola do pai misericordioso²¹ ou o fariseu da parábola do publicano e do fariseu,²² aqueles que fundamentam sua relação com Deus no cumprimento das normas se ressentem de uma afirmação da misericórdia divina que acolhe a todos indistintamente.

Francisco opta, claramente, pela lógica da integração desde o primeiro dia do seu pontificado, através de gestos, palavras e expressões muito repetidas – “a Igreja não é uma alfândega”, “a Igreja tem lugar para todos, todos, todos”. E escolhe a lógica da misericórdia, porque ele não só a experimentou, mas também sabe que a graça de Deus precede e supera o pecado. Ele reconhece que, frequentemente, a Igreja age como controladora da graça e não como facilitadora, e que a evangelização deve ser iluminada pelo princípio da primazia da graça. A iniciativa de Deus e sua graça são prévias ao pecado e expressam o desejo divino de que todos sejam salvos. A tentação do pelagianismo nunca abandonou a Igreja; ainda hoje é possível encontrar cristãos que seguem “o caminho da justificação por suas próprias forças, da adoração da vontade humana e da própria capacidade”.²³

Confiar na graça de Deus significa também agir com misericórdia tal como Ele. Francisco ensina que, diante das situações que não estão de acordo com o que o Senhor propõe, a Igreja é convidada à misericórdia e ao discernimento pastoral.²⁴ Ele reconhece que há pessoas que preferem uma pastoral mais rígida, onde não haja confusão,²⁵ porque a norma é aplicada; entretanto, tem convicção de que, mesmo em situações de contradição, Deus derrama sua graça e misericórdia, estimulando cada pessoa a fazer o bem possível.²⁶

²⁰ ZACHARIAS, Ronaldo. *Amoris Laetitia: um “sim” radical à pastoralidade da Teologia Moral*, In: Perspectiva Teológica, v. 53, n. 1, p. 32, 2021. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/4575> Acesso em: 9 abr. 2024.

²¹ Lc 15, 11-32.

²² Lc 18, 9-14.

²³ FRANCISCO. *Exortação Apostólica Gandete et Exsultate sobre o chamado à santidade no mundo atual*. São Paulo: Loyola, 2018, n. 57.

²⁴ AL, n. 6.

²⁵ AL, n. 308.

²⁶ AL, n. 308.



Por isso, devem ser evitados juízos, preconceitos e perseguições às pessoas que vivem situações dissonantes da disciplina e doutrina da Igreja.²⁷ Francisco recorda que há valores mais altos e centrais na fé cristã, e que, se a integralidade da doutrina deve ser preservada, também deve ser dada a devida primazia à caridade como resposta à gratuidade do amor de Deus.²⁸ A lei deve ser interpretada na perspectiva da misericórdia.

O crescimento das novas direitas é um fenômeno mundial e, apesar das diferenças em cada país, geralmente questiona os valores democráticos e as instituições do Estado. Além disso, o modelo de sociedade defendido é uma sociedade branca, armada, conservadora, heteronormativa, masculina e fundamentalmente religiosa.²⁹ No que diz respeito à extrema direita brasileira, além de incorporar os elementos das novas direitas, a ênfase é dada à pauta dos costumes.

Assim, verifica-se uma intolerância às pautas identitárias das chamadas minorias, particularmente em relação às pessoas LGBTQIA+; e a defesa de uma ideologia repressora que se manifesta em um culto à violência policial e no desejo de intervenção militar.³⁰ Em palestra proferida em 2015, Ribeiro afirma que a característica marcante da extrema direita brasileira é um “ódio cabal aos direitos humanos”.³¹ É importante ressaltar que a identificação com as pautas da extrema direita é “suprareligiosa”, isto é, há católicos, evangélicos e membros de outras denominações que se identificam com ela.

Evidencia-se, assim, a oposição entre o princípio da misericórdia enfatizado pelo Papa Francisco e a pauta de costumes da extrema direita, que é rigorista e excludente. Francisco compreende que o “ethos do cristão é a misericórdia”³², não porque as pessoas são boas, mas porque Deus é bom e deseja salvar a todos. A misericórdia é “a dinâmica do amor de Deus que sai

²⁷ AL, n. 308.

²⁸ AL, n. 311.

²⁹ GHERMAN, Michel; MIZRAHI, Gabriel Melo. Pós-nazismo: judeus brasileiros e a subjetividade bolsonarista. In: COELHO, Mário Marcelo; MARTINS, Alexandre Andrade; ALMEIDA, André Luiz Boccato; ALBUQUERQUE, Lúcia Eliza Ferreira. *Neonazismo, manipulação moral e resistências: um grito profético diante dos distintos rostos da América Latina*. Aparecida: Santuário, 2024, p. 161.

³⁰ LÖWY, Michel. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. In: *Serviço Social e Sociedade*. São Paulo, n. 124, p. 652-664, out./dez. 2015, p. 662-663. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/MFzdwxKBBcNqHyKkckfW6Qn/?lang=pt> Acesso em: 09 abr 2024.

³¹ ARRUDA, Roldão. Extrema-direita avança com ódio aos direitos humanos, diz filósofo. In: *Estadão*, 14 de março de 2015. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/roldao-arruda/extrema-direita-avanca-com-odio-aos-direitos-humanos-diz-filosofo/> Acesso em: 09 abr 2024.

³² STEINER, Leonardo Ulrich. Ética da misericórdia. In: MILLEN, Maria Inês de Castro ; ZACHARIAS, Ronaldo (org.). *O imperativo ético da misericórdia*. Aparecida: Santuário, 2016, p. 45.



ao encontro do ser humano em suas necessidades, seja ele pecador ou não [...] que o busca apaixonadamente e que se compadece de seu sofrimento”.³³

Tal como Deus vai ao encontro do ser humano na situação em que se encontra, assim deve ser a Igreja enquanto discípula missionária de Jesus. As pessoas não podem ser separadas a partir de uma hierarquia de costumes, a saber, os puros que cumprem as normas e os impuros que não as cumprem por diversas razões, mas fazem o bem possível. As atitudes de Jesus, impregnadas de misericórdia, provocaram diversos conflitos com os fariseus exatamente por romper com a separação entre “puros e impuros”.³⁴

Ao reafirmar a igual dignidade do ser humano, sem exceções³⁵, a Igreja demonstra sua concordância com a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Assegurar direitos iguais a todos os seres humanos não significa anular as diferenças culturais ou impor uma visão hegemônica e colonizadora do mundo. A defesa dos direitos humanos, fruto da prática da misericórdia – isto é, do deixar-se afetar, mover-se interiormente pelo sofrimento do irmão –, é o caminho de materialização do respeito à dignidade humana.

Aqueles que se apresentam como “cidadãos de bem” e “família tradicional brasileira” adotam discursos violentos de preconceito, marginalização e exclusão, baseados no seu modelo de sociedade perfeita. O Papa Francisco, por sua vez, anuncia que a misericórdia sempre será maior que o pecado e que ninguém pode colocar limites ao amor de Deus.³⁶

Na reconstrução do tecido social e na pacificação do mundo em que acontecem tantas guerras, Francisco propõe pensar e criar um mundo aberto, onde todos se reconheçam como irmãos e irmãs. Na mentalidade da extrema direita católica, o outro diferente não é um irmão, mas uma ameaça aos seus valores nacionalistas e “cristãos”. Diante do princípio da misericórdia, invoca-se a “justiça divina”, que, na verdade, nada tem de divina e se assemelha mais à vingança. Assim, as acusações e agressões ao Papa Francisco tornam-se cada vez mais públicas e virulentas.

³³ BINGEMER, Maria Clara. Exigências éticas da misericórdia. In: MILLEN, Maria Inês de Castro ; ZACHARIAS, Ronaldo (org.). *O imperativo ético da misericórdia*. Aparecida: Santuário, 2016, p.144 (p.139-159).

³⁴ BINGEMER, 2016, p. 149.

³⁵ DICASTÉRIO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Declaração Dignitas infinita sobre a dignidade humana*, n. 1. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_dcf_doc_20240402_dignitas-infinita_po.html Acesso em: 10 abr 2024.

³⁶ FRANCISCO. *Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia Misericordiae Vultus*. São Paulo: Loyola, 2015, n. 3.



As redes sociais favorecem a capilarização da pauta de costumes da extrema direita, que é apenas a fachada para angariar adeptos, promover uma lavagem cerebral e torná-los defensores da verdadeira pauta: política e econômica. Como fazer frente a esses grupos extremistas e neoconservadores, mantidos por financiadores internacionais, que contam com forte presença nas redes sociais e avançam em sua atuação em escolas e universidades? A resistência se dará, como de costume, no campo mais atacado e desacreditado no Brasil nos últimos anos – a educação.

O desafio educativo e formativo da dignidade humana neste cenário de violência religiosa e cultural

Nos círculos da extrema direita, existe uma ação chamada de metapolítica, cuja estratégia “é fazer campanha não por meio da política, mas por meio da cultura – das artes, do entretenimento, do intelectualismo, da religião e da educação”.³⁷ Os valores pessoais são formados e desenvolvidos nessas experiências; logo, conseguindo mudar a cultura, pode-se alterar o jogo político. No campo da educação, os ativistas da extrema direita procuram alterar o currículo da educação pública e fundar escolas privadas dedicadas à disseminação de sua visão de mundo.³⁸

Em 2016, Trump nomeou como secretária de Educação Betsy DeVos, uma defensora do desmantelamento da rede de escolas públicas em favor do financiamento para que as famílias matriculassem seus filhos em escolas privadas de sua escolha. Além de ser defensora de aulas de ensino religioso confessional, ela acreditava que o enfraquecimento das escolas públicas permitiria uma diversificação da cultura e espiritualidade transmitidas aos estudantes. As escolas eram vistas como meios para combater a cultura atual.³⁹

À medida que o conflito entre valores progressistas e conservadores se acentuou, dando origem à chamada “guerra cultural”, foi possível identificar no Brasil as mesmas investidas no campo da educação. Olavo de Carvalho disseminou a ideia de que as universidades eram centros de libertinagem, com sexo e drogas; a iniciativa “Escola sem Partido” visava impedir a suposta doutrinação dos alunos pelos professores. Houve perseguições e ataques a professores, gravações

³⁷ TEITELBAUM, Benjamin R. *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*. Campinas: Unicamp, 2020, p. 62.

³⁸ TEITELBAUM, 2020, p. 62.

³⁹ TEITELBAUM, 2020, p. 106.



de aulas feitas por alunos, censura de livros em escolas e vestibulares, tentativas de intervenção em material didático e até alterações propostas à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Esses eventos ganharam destaque a partir de 2014 e se intensificaram após 2019, com a eleição de Jair Bolsonaro, identificado com a pauta de costumes da extrema direita.

A polarização que se vê em âmbito civil reproduz-se no âmbito eclesial. A pauta de costumes da extrema direita foi assumida por membros do clero e do laicato como aquela que se identifica com os valores morais cristãos. Essa síntese, que rejeita a modernidade no que convém a esse grupo e faz oposição declarada ao Papa Francisco e ao seu chamado a uma Igreja misericordiosa, invadiu também os processos formativos nos seminários e casas de formação da vida consagrada e mobilizou a fundação de diversas escolas. Essas escolas, de caráter neoconservador, são fundadas e/ou dirigidas por católicos leigos que se identificam com a pauta de costumes da extrema direita.

Se os ativistas da extrema direita católica compreenderam que atuar na educação é essencial para mudar a cultura e, portanto, a política, o Papa Francisco também sabe disso. Em 2019, Francisco convocou educadores para o encontro *Reconstruir o Pacto Educativo Global*, cujo objetivo era “reavivar o compromisso em prol e com as gerações jovens, renovando a paixão por uma educação mais aberta e inclusiva, capaz de escuta paciente, diálogo construtivo e mútua compreensão”.⁴⁰

O encontro, previsto para outubro de 2020, no Vaticano, foi cancelado devido à pandemia da COVID-19; no entanto, em vídeo mensagem, Francisco lançou os sete compromissos do *Pacto Educativo Global*.⁴¹ Os compromissos cobrem uma pauta humanista que reúne a defesa da centralidade da pessoa humana e da educação das mulheres, além da busca por novos modelos políticos e econômicos que estejam a serviço da família humana e incluam o cuidado com a casa comum.⁴²

⁴⁰ FRANCISCO. *Mensagem para o lançamento do Pacto Educativo*, 12 de setembro de 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html Acesso em: 15 abr 2024.

⁴¹ FRANCISCO. *Mensagem em vídeo por ocasião do encontro promovido pela Congregação para a Educação Católica: “Global Compact on Education. Together to look beyond”*, 15 de outubro de 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco_20201015_videomessaggio-global-compact.html Acesso em: 15 abr 2024.

⁴² Para conhecer os sete compromissos do Pacto Educativo Global: *Vademecum* do Pacto Educativo Global. Disponível em: <https://www.educationglobalcompact.org/en/resources/vademecum/> Acesso em: 16 abr 2024.



O Papa reconhece que os tempos atuais demandam uma aliança educativa ampla “para formar pessoas maduras, capazes de superar fragmentações e contrastes e reconstruir o tecido das relações em ordem a uma humanidade mais fraterna”.⁴³ Trata-se de educar pessoas que saibam construir consensos e respeitar as diferenças como valor, baseando-se na dignidade fundamental de todo ser humano e, portanto, no direito de todos aos recursos e bens necessários para viver.

A UNESCO, em seu último relatório sobre a educação no mundo⁴⁴, reconhece que há um retrocesso democrático e uma polarização cada vez maior que ameaçam os direitos humanos. Ideias supremacistas e nacionalistas fortalecem-se em detrimento de identidades plurais, do diálogo e da compreensão.⁴⁵ Apesar dos ataques a escolas e universidades, a educação permanece essencial na construção e transformação das sociedades.

A educação é um processo que organiza o ciclo intergeracional de transmissão e criação conjunta de conhecimento⁴⁶, proporcionando contato com a diversidade cultural e desenvolvendo as habilidades necessárias para a convivência social. Para responder aos desafios do atual cenário mundial, a educação deverá se realizar a partir de pedagogias fundamentadas na cooperação e na solidariedade. Essas pedagogias se caracterizam por serem colaborativas, interdisciplinares e problematizadoras; por valorizarem e apoiarem a diversidade; por convidarem os estudantes a desaprender preconceitos e divisões; e por buscarem a cura das feridas da injustiça.⁴⁷

Há muitas semelhanças entre o *Pacto Educativo Global*, do Papa Francisco, e o *Novo Contrato Social para a Educação*, da UNESCO. Ambos indicam a centralidade da pessoa em processos educativos que visem à transformação da sociedade. A transformação social buscada, na perspectiva da educação católica, é aquela que respeita a dignidade humana e interpreta a problemática do cotidiano e as grandes questões da humanidade à luz dos valores do Evangelho.⁴⁸ Esses valores são consoantes a um projeto de convivência social que reconheça a interdependência entre as dimensões pessoal, comunitária e planetária.

⁴³ FRANCISCO. *Mensagem para o lançamento do Pacto Educativo*, 12 de setembro de 2019

⁴⁴ UNESCO. *Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação*. Brasília: Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação; Fundación SM, 2022.

⁴⁵ UNESCO, 2022, p. 37.

⁴⁶ UNESCO, 2022, p. 5.

⁴⁷ UNESCO, 2022, p. 48.

⁴⁸ BRUSTOLIN, Leomar Antônio; KOFFERMANN, Marcia. A identidade da educação católica no atual contexto. In: *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 51, n. 1, p. 1-8, jan.-dez. 2021, p. 4. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/36941> Acesso em: 16 abr 2024.



O Papa Francisco defende uma educação que promova a cultura integral, participativa e poliédrica, que será caminho para a arquitetura da paz entre os povos.⁴⁹ A educação tem a capacidade de conectar pessoas e mundos diversos e expor novas possibilidades; por isso, ela continua sendo a estratégia fundamental para neutralizar o avanço de uma pauta política ressentida e intolerante que promove a dignidade e os direitos apenas de uma parte da população.

Na realidade polarizada do Brasil e de tantos outros países, o espaço educativo, que é coletivo, é propício para cultivar uma cultura de diálogo aberto, respeito mútuo e tolerância que fortaleça a democracia.⁵⁰ É preciso que os ambientes educativos, sejam escolas ou universidades, criem espaços de escuta onde as pessoas se sintam respeitadas e ouvidas e aprendam a dialogar. Isso não significa aceitar que tudo é ético, mas sim que “o embate entre ideias contrárias deve ser normalizado, mas os lados precisam aceitar que existem regras civilizatórias que não podem ser cruzadas”.⁵¹ À medida que a extrema direita católica avança no campo da educação, especialmente nas escolas privadas, é fundamental que tanto a Igreja quanto o Estado invistam atenção, recursos e fiscalização em suas instituições.

O crescimento de escolas neoconservadoras significa toda uma geração formada numa mentalidade nacionalista, supremacista branca, machista, fundamentalista religiosa e que questiona os valores democráticos. Os valores que o Papa Francisco defende são totalmente contrários a essa pauta e convocam a humanidade à redescoberta da fraternidade universal. O princípio da misericórdia que norteia o ministério de Francisco traduz-se em uma sociedade que afirma a igual dignidade humana, inclui a todos, cuida dos mais frágeis, vai ao encontro dos marginalizados e integra o diferente.

A educação é campo de resistência não para impor uma visão política, mas para insistir no diálogo, na ciência e no conhecimento. Como afirma o relatório da UNESCO, “a educação fomenta a compreensão e constrói capacidades que podem ajudar a assegurar que nossos futuros sejam mais socialmente inclusivos, economicamente justos e ambientalmente sustentáveis”.⁵² Parafraseando o Papa Francisco, pode-se dizer que educar é ato de esperança e resistência.

⁴⁹ FRANCISCO. *Mensagem em vídeo por ocasião do encontro promovido pela Congregação para a Educação Católica: “Global Compact on Education. Together to look beyond”*, 15 de outubro de 2020.

⁵⁰ NUNES, Felipe; TRAUMANN, Thomas. *Biografia do abismo: como a polarização divide famílias, desafia empresas e compromete o futuro do Brasil*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2023, p. 180.

⁵¹ NUNES; TRAUMANN, 2023, p. 189.

⁵² UNESCO, 2022, p. 8.

Conclusão

Os adeptos e simpatizantes da extrema direita católica são aqueles que, grosso modo, sentem-se “traídos e abandonados” pelos políticos e pelo Papa Francisco. As pautas identitárias das chamadas minorias tornaram-se onipresentes em discursos, programas partidários e políticas públicas. O Papa Francisco não somente afirma que a Igreja é para todos, mas indica iniciativas pastorais concretas que podem incluir aqueles e aquelas que não tinham acesso aos sacramentos ou eram vistos como católicos de “segunda classe”. Os bons católicos, que defendem “a moral e os bons costumes e a tradicional família brasileira”, ressentem-se porque se “esforçaram e merecem” ser os únicos favorecidos pelos governantes e pelo Papa Francisco. Esse ressentimento deu origem à crescente intolerância às minorias e à oposição ao Papa Francisco.

Nada é mais contrário à mensagem evangélica do que a negação do amor e da fraternidade por meio da promoção do ódio, da intolerância e da discriminação. O que dizer diante de católicos que se sentem à vontade para acusar o Papa de não ser católico, mas sim o anticristo? Certamente, a complexidade da conjuntura internacional e nacional não permite simplismos. A religião e a educação são campos estratégicos de atuação da extrema direita em diversos países, e sua crescente presença nesses espaços demonstra planejamento e organização. Opor-se à extrema direita católica não significa defender o extremo oposto político ou negar o sentido da religião, mas, sim, reconhecer que há limites éticos e civilizatórios que devem ser respeitados a todo custo. A história mostra que a aliança entre política e religião não deu bons frutos para o povo, nem contribuiu para o projeto do Reino.

Há caminhos de resistência e de esperança, mas é preciso que as lideranças políticas e religiosas não se omitam naquilo que lhes compete, nem sejam coniventes para angariar simpatias e favores. Valores como dignidade humana, direitos humanos e destinação comum dos bens estão além de religião e partido e devem ser capazes de reunir os melhores esforços de pessoas e organismos em prol de sua defesa. A Igreja Católica, particularmente na figura do episcopado, e o Estado precisam assumir suas responsabilidades em coerência com o Evangelho e com o Estado democrático de direito, respectivamente. Isso significa agir de maneira planejada, pedagógica e consistente para fazer frente ao avanço de uma pauta extremista de direita que representará um retrocesso nos avanços em vista de uma sociedade democrática, justa e pacífica.



Referências

ALMEIDA, André Luiz Boccato de Almeida. Capitalismo de vigilância, guerra híbrida e “capilarização” religiosa no Brasil. Perspectivas reflexivas para uma consciência crítica. In: HAMMES, Erico João; GOMES, Tiago de Fraga (orgs.). *Religião e Teologia entre o Estado e a Política: uma abordagem interdisciplinar*. Anais do VIII Congresso da Anptecre. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2023, p. 69-80.

ARRUDA, Roldão. Extrema-direita avança com ódio aos direitos humanos, diz filósofo. In: *Estadão*, 14 de março de 2015. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/roldao-arruda/extrema-direita-avanca-com-odio-aos-direitos-humanos-diz-filosofo/> Acesso em: 09 abr. 2024.

BINGEMER, Maria Clara. Exigências éticas da misericórdia. In: MILLEN, Maria Inês de Castro; ZACHARIAS, Ronaldo (org.). *O imperativo ético da misericórdia*. Aparecida: Santuário, 2016, p.139-159.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio; KOFFERMANN, Marcia. A identidade da educação católica no atual contexto. In: *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 51, n. 1, p. 1-8, Jan./Dez. 2021. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/36941> Acesso em: 16 abr 2024.

DA EMPOLI, Giuliano. *Os engenheiros do caos*. Como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições. São Paulo: Vestígio, 2020.

DICASTÉRIO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Declaração Dignitas infinita sobre a dignidade humana*. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_ddf_doc_20240402_dignitas-infinita_po.html. Acesso em: 10 abr 2024.

FERREIRA, Rafael Beck. Relativismo, fundamentalismo e pretensão de verdade no cristianismo. In: CAMPOS, Breno Martins (org.). *Fundamentalismos religiosos em perspectiva*. Diferentes abordagens das Ciências da Religião. São Paulo: Pluralidades, 2022, p. 37-52.



FRANCISCO. *Encontro do Santo Padre com os jornalistas durante o voo de regresso*, 28 de julho de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-conferenza-stampa.html Acesso em: 01 abr 2024.

FRANCISCO. Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia *Misericordiae Vultus*. São Paulo: Loyola, 2015

FRANCISCO. Exortação Apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia* sobre o amor na família. São Paulo: Loyola, 2016.

FRANCISCO. Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Loyola, 2018.

FRANCISCO. *Mensagem para o lançamento do Pacto Educativo*, 12 de setembro de 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html Acesso em: 15 abr 2024.

FRANCISCO. Mensagem em vídeo por ocasião do encontro promovido pela Congregação para a Educação Católica: “Global Compact on Education. Together to look beyond”, 15 de outubro de 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco_20201015_videomessaggio-global-compact.html Acesso em: 15 abr. 2024.

GHERMAN, Michel; MIZRAHI, Gabriel Melo. Pós-nazismo: judeus brasileiros e a subjetividade bolsonarista. In: COELHO, Mário Marcelo; MARTINS, Alexandre Andrade; ALMEIDA, André Luiz Boccato; ALBUQUERQUE, Lúcia Eliza Ferreira. *Neonazismo, manipulação moral e resistências: um grito profético diante dos distintos rostos da América Latina*. Aparecida: Santuário, 2024, p. 155-174.



KASPER, Walter. Francisco. Profeta da misericórdia para o mundo, 12 de março de 2018. In: *Instituto Humanitas Unisinos*. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/sobre-o-ihu/78-noticias/576856-francisco-profeta-da-misericordia-para-o-mundo-artigo-de-walter-kasper>. Acesso em: 01 abr 2024.

KEHL, M. R. *Ressentimento*. São Paulo: Boitempo, 2020.

LEIRNER, Piero C. *O Brasil no espectro de uma guerra híbrida*. Militares, operações psicológicas e política em uma perspectiva etnográfica. São Paulo: Alameda, 2020.

LÖWY, Michel. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. In: *Serviço Social e Sociedade*. São Paulo, n. 124, p. 652-664, Out./Dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/MFzdxwKBBcNqHyKkckfW6Qn/?lang=pt> Acesso em: 09 abr 2024.

MIGUEL, M. R. *O ressentimento e o sagrado em René Girard*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2023.

NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

NUNES, Felipe; TRAUMANN, Thomas. *Biografia do abismo: como a polarização divide famílias, desafia empresas e compromete o futuro do Brasil*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2023.

ORO, Ivo Pedro. *O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo: Paulus, 1996.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SLOTERDIJK, Peter. *Colère et temps*. Paris: Libella-Maren Sell, 2007.

STEINER, Leonardo Ulrich. Ética da misericórdia. In: MILLEN, Maria Inês de Castro; ZACHARIAS, Ronaldo (org.). *O imperativo ético da misericórdia*. Aparecida: Santuário, 2016, p. 17-48.

TEITELBAUM, Benjamin R. *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*. Campinas: Unicamp, 2020.



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

19

UNESCO. *Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação*. Brasília: Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação; Fundación SM, 2022

ZACHARIAS, Ronaldo. Amoris Laetitia: um “sim” radical à pastoralidade da Teologia Moral, In: *Perspectiva Teológica*, v. 53, n. 1, p. 1-39, Jan./Abr., 2021. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/4575> Acesso em: 9 abr. 2024.

WOTLING, P. Sentimentos. In: CANTO-SPERBER, M. (org.). *Dicionário de ética e filosofia moral*. São Leopoldo: Unisinos, 2003, p. 566-573.